

comunicação, jornalismo e
espaço público na era digital

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 15 • 2015

Mobilizações em redes nos espaços virtuais:
Reflexos da era digital nas lutas sociais de resistência

Giuseppa M. D. Spenillo

Giuseppa Maria Daniel Spenillo, Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil. Email: gspenillo@yahoo.com.br

http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622_15_5

MOBILIZAÇÕES EM REDES
NOS ESPAÇOS VIRTUAIS:
REFLEXOS DA ERA DIGITAL
NAS LUTAS SOCIAIS DE RE-
SISTÊNCIA

Redes de resistência, revolta, indignação; espaços virtuais; tecnologias digitais de comunicação e informação – elementos do mundo contemporâneo que o singularizam também por tensionar convicções e habitus culturais, práticas democráticas e institucionalidades. Neste artigo, busca-se tratar estes elementos de modo relacional, trazendo-os inseridos nas dinâmicas das sociedades atuais, para defrontar desafios e avanços encontrados nas formas das lutas de resistência e sua figuração em redes (Elias, 1970). O estudo baseia-se em pesquisas documentais e em entrevistas diretas e indiretas sobre três recentes redes de resistência presentes no cenário brasileiro: CRIS Brasil, Black Bloc Brasil e Mídia Ninja. Os resultados, ou aproximações graduais com tais fenômenos, apontam para uma centralidade da comunicação (Mattelart, 2000) nas redes de resistência, como reflexo da vida cotidiana nas chamadas sociedades da informação (Peruzzo, 2002); uma potencialidade para reconfigurações do global e do local nas formações de redes de resistência; uma abertura ao trabalho da tradução transcultural (Santos, 2010b) nas redes; e uma valorização das tecnologias digitais na composição e ordenação das lutas em redes, em que os espaços virtuais adquirem relevância na ressignificação do comunitário.

Palavras-chave: *Rede social, Resistência, Espaços virtuais, Comunicação, Tradução transcultural.*

NETWORK MOBILIZATION
IN VIRTUAL SPACES: THE
DIGITAL ERA REFLECTED
IN THE SOCIAL BATTLES OF
RESISTANCE

Resistance networks, revolt, indignation; virtual spaces; digital communication and information technologies – elements that sign and single the contemporary world. And also they demonstrate social tensions in relation to political beliefs and cultural habitus, as well as its democratic practices. This article seeks to address these elements on a relational way, bringing them embedded into dynamics of current societies. On this way, it seems to be possible to face challenges and advancements in resistance struggles and also its figuration in networks (Elias, 1970). The study is based on documentary research and on direct and indirect interviews about three Brazilian's resistance networks: CRIS Brasil, Black Bloc Brasil and Mídia Ninja. The results, or gradual approaches with such phenomena, pointing to a centrality of communication (Mattelart, 2000) in resistance networks, such as a reflection of living in information societies (Peruzzo, 2002); to a capability for global and local reconfigurations on resistance networks formations; to an openness to the cross-cultural translation work (Santos, 2010b) in networks; and to a digital technologies' appreciation in the composition of social struggles, in which virtual spaces acquire relevance, giving a new meaning to community life.

Keywords: *Social networks, Resistance, Virtual spaces, Communication, Cross-cultural translation.*

MOBILISATIONS EN RE-
SEAUX DANS LES ESPACES
VIRTUELS: REFLETS DE
L'ERE NUMERIQUE DANS
LES LUTTES SOCIALES DE
RESISTANCE

Réseaux de résistance, révolte, indignation; espaces virtuels; Technologies numériques de la communication et de l'information – éléments du monde contemporain qui le singularisent aussi une fois qu'il sous-tend des convictions et des habitudes culturelles, des pratiques démocratiques et des institutionnalités. Dans cet article, nous cherchons à traiter ces éléments de façon relationnelle, en les insérant dans les dynamiques des sociétés actuelles, afin d'affronter les défis et les avancées rencontrées dans les formes des luttes de résistance et leur figuration en réseaux (Elias, 1970). L'étude se base sur des recherches documentaires et des entrevues directes et indirectes sur trois récents réseaux de résistance présents sur la scène plan brésilienne: CRIS Brasil, Black Bloc Brasil et Mídia Ninja. Les résultats ou les rapprochements graduels avec de tels phénomènes, pointent vers une centralité de la communication (Mattelart, 2000) dans les réseaux de résistance, comme réflexe de la vie quotidienne dans ce qu'on appelle les sociétés de l'information (Peruzzo, 2002); une potentialité pour des reconfigurations du global et du local dans les formations de réseaux de résistance; une ouverture au travail de la traduction transculturelle (Santos, 2010b) dans les réseaux; et une valorisation de Technologies numériques dans la composition et l'organisation des luttes dans les réseaux, où les espaces virtuels acquièrent une importance dans la redéfinition du communautaire.

Mots-clefs: *Réseau social, Résistance, Espaces virtuels, Communication, Traduction transculturelle.*

Introdução

A chamada era digital, amplamente debatida na perspectiva das sociedades em redes (Castells, 2003), ou enquanto sociedades da informação (Peruzzo, 2002), ao evidenciar os potenciais comunicativos e informativos das figurações sociais atuais, também revela estruturas de tensões (Elias, 2001) entre sujeitos e grupos nessas figurações. Sustentada no desenvolvimento e enraizamento de estigmas e auto-imagens como linhas abissais (Santos, 2010) que separam e tornam invisíveis o diverso e o diferente, a era digital produz em si resistências e protestos que, recentemente, explodem e externalizam desigualdades, intolerâncias, injustiças e instabilidades nas democracias modernas. Formam-se, então, lutas por mudanças sociais que – inseridas na lógica das sociedades da informação – utilizam tecnologias digitais de comunicação e espaços virtuais como ferramentas de mobilização e manifestação.

Produzidas a partir de um capitalismo colonizador e extrativista, as sociedades da informação formam-se sobre bases de diferenciações e privilégios – particularmente em países como o Brasil, cuja história carrega experiências de colonização e colonialidade (Quijano, 2010). Nessas sociedades, as desigualdades podem ser demonstradas em números de acesso a computador e internet, compreendidas como exclusão digital (Silveira, 2001) ou *digital divide*, como apontam Straubhaar et. al. (2012). Conforme a União Internacional para as Telecomunicações, em março de 2014 projetava-se chegar a três bilhões de usuários de internet ao final daquele ano. Nos dados apresentados pela agência (www.itu.int/en/ITU-D/statistics) chama atenção o aumento de inscrições em telefonia móvel, previstas em sete bilhões ao final de 2014.

No Brasil, em particular, pesquisa divulgada pelo Comitê Gestor da Internet aponta para altos percentuais de usos de computador e internet, conforme expressam os dados a seguir, divulgados pelo referido Comitê e disponível na WWW, no endereço http://cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_EMP_2013. Em 2013, 43% dos domicílios no país dispunham de acesso a internet; 61% dos residentes no Brasil já haviam utilizado um computador e, desses, 69% o usavam diariamente. Quanto à internet, 58% afirmavam ter acessado à rede mundial de computadores, sendo 71% deles em computadores individuais e 78% em casa. Dos 58% que utilizavam a internet, 77% apresentaram como principal motivo participar nas redes sociais (Facebook, Google e Orkut) e 66% declararam como atividade predominante o compartilhamento de conteúdos nas redes sociais.

Estes expressivos números demonstram a centralidade da informação nas dinâmicas da vida atual. A originalidade das sociedades contemporâneas é dada pelas redes virtuais que desenham uma nova arquitetura para o saber, a comunicação e a informação (Mattelart, 2000; Lévy, 2000). Rapidamente, a internet tornou-se o meio de comunicação por excelência da humanidade e, rapidamente também, a rede mundial passou a abrigar lutas e movimentos por mudanças – reivindicações, campanhas, mobilizações e protestos. A internet faz-se uma nova esfera pública (Habermas, 2003) e mostra-se um estranho espelho das tensões e conflitos sociais. Diante desse cenário, chamam atenção dinâmicas de formação de lutas de resistência que vêm encontrando formas renovadas nos espaços virtuais.

Neste artigo discutem-se a noção de redes, os sentidos de comunidade e as recentes facetas de redes de resistência (Estanque, 2014) na era digital; destacam-se dinâmicas de aproximação e distanciamento nas redes e nos espaços virtuais, bem como o lugar da comunicação nas redes de resistência. Por fim, apresentam-se de modo ilustrativo as redes de resistência CRIS Brasil, Black Bloc Brasil e Mídia Ninja, com objetivo de interpretá-las em suas estratégias de atuação e usos de media digitais. O estudo vem respaldado em pesquisa documental em fontes fluídas como sítios de internet; e em entrevistas diretas ou indiretas com membros das três redes. Busca-se ressaltar aprendizagens possíveis nas atuações em redes estratégicas de resistência, dentre elas as relações global/local, o trabalho de tradução transcultural (Santos, 2010b) e a resignificação das interdependências e do comunitário.

1. A noção de redes sociais e o sentido de comunidade

“A melhor coisa é que todo o mundo está conectado. E a pior é que todo o mundo está conectado”, afirmava Vinton Cerf em 1999, em entrevista publicada na revista brasileira Isto É (Moon, 1999). Cerf foi um dos criadores do protocolo TCP-IP através do qual fluem as informações na internet. As sociedades da informação, caracterizadas pela conectividade e pela constituição de redes virtuais, são uma nova configuração que, originada das sociedades burguesas massivas, concentra a existência social nas plataformas digitais e nos espaços virtuais – criando um mundo simultaneamente paralelo e central na organização da vida coletiva contemporânea.

Na perspectiva empírica dominante, há uma ideologia tecnicista de conectividade universal em que o conhecimento chegaria para todos em tempo real através das redes eletrotécnicas de conexão. É uma leitura marcada pelas mãos colonizadoras dos Estados e dos mercados, em que utopias quase fascistas – todo conhecimento estaria disponível nas redes, todos os indivíduos seriam politécnicos e integrados em seus conhecimentos – instalam modelos tecnológicos de comunicação e legitimam a transformação de informações em bens apropriáveis. Desde o deslocamento do debate do eixo da cultura para o das telecomunicações no âmbito da ONU (Spennillo, 2008), outro monopólio cognitivo vem se formando na governança da internet como instrumental político de governos e empresas (Mattelart, 2000), legitimado por usuários de todo o mundo.

Na representação empírica comum, rede social é sinônimo de virtual e estar numa rede é estar conectado através de um instrumento tecnológico – seja o computador, o palmtop, o *smartphone* – que intermedia, reconfigura e seleciona as formas, os conteúdos e as trocas de informações, emoções, intuições, saberes. O consenso em torno da dinâmica atual de formação de redes parece querer resgatar a liga, os laços e os elos de proximidade. Buscam-se a solidariedade e a confiança perdidas nas formações sociais complexas que se desenvolveram ao longo dos últimos séculos. Seriam tentativas de resgate do comunitário ou comunitarismo, como propõe Bauman (2001: 195), “uma reação esperada à acelerada ‘liquefação’ da vida moderna, uma reação antes e acima de tudo ao (...) crescente desequilíbrio entre a liberdade e as garantias individuais.”.

A discussão sobre redes nas sociedades atuais leva a uma necessária reflexão sobre comunidade. Na perspectiva antropológica, comunidades – ou as chamadas sociedades

primitivas pela Sociologia – são grupos concretos onde se dá a existência dos indivíduos, mantidos pela coesão do grupo, e nos laços que se desenvolvem entre eles a partir das interdependências e reciprocidades. A comunidade como lugar concreto de relações, de estar em companhia, de pertencimento e formação de identidades assume nos séculos XIX e XX o contraponto ideológico à noção ocidental de sociedade como estágio evolutivo da vida em comunidade (Bauman, 2001). A sociedade abstrata, organizada sobre critérios contratualizados em substituição àqueles personalizados da vida comunitária, instala-se no Ocidente moderno. Comunidade tornou-se o espaço alternativo, de oposição ou resistência aos sistemas sociais dominantes.

Nessa lógica acreditava-se que a comunidade – assim como o campesinato – seria superada pela modernização da vida e o estabelecimento de sociedades modernas, ou seja, formações burguesas, fundadas na especialização do indivíduo em papéis, funções e instituições. É uma figuração de laços fracos, em que prevalecem o anonimato e a comunicação de largo alcance, o consenso social e a ordem capitalista industrial, o descartável e o fugaz. Ainda assim, as sociedades complexas configuram-se enquanto redes sociais, com suas múltiplas formações que se contêm, com diversas e conflitivas identidades, e em busca por reencontrar a vida em comunidade, criando e recriando espaços e lugares, concretos ou virtuais, onde reconstruir o entendimento e os sentidos coletivos.

O conceito de redes tem sido aplicado a manifestações culturais que envolvem micro e macro processos, sejam a vizinhança, o parentesco, os enraizamentos (Elias, 2001); as subjetividades (Melucci, 2001); as reformulações de relações sociais sobre bases não territoriais (Bauman, 2001); a conectividade virtual dada pelo aparato tecnológico digital (Mattelard, 2000); as novas identidades (Castells, 2003); as estratégias de movimentos sociais (Santos, 2005), seja em plataformas virtuais ou não virtuais. Quaisquer que sejam as perspectivas, a noção de redes sociais busca avançar frente aos pares dicotômicos presentes no pensamento científico moderno (Santos, 1990): sujeito/objeto, cultura/natureza, arte/vida, estilo/função, sociedade/indivíduo, público/privado.

O debate científico-acadêmico sobre redes tem focado principalmente questões metodológicas (Elias, 2001; Melucci, 2005) e, mais timidamente, enfrentamentos epistemológicos (Elias, 2001, 1970; Santos, 2010; Granovetter, 1985). No que se refere a metodologia, as expectativas estão em abordar fenômenos e fatos sociais enquanto processos resultantes das inter-relações que estabelecem os indivíduos entre si. Buscam-se leituras com menor viés hierárquico, que permitam interpretações sobre as relações entre indivíduos. No plano epistemológico, propõem-se rupturas mais profundas e sensíveis com os formatos tradicionais de pensamento dicotômico e estático.

Nesse sentido, desde a Física, com Fritjof Capra (1996), até a formação do campo de estudos da Sociologia Econômica sustentado na obra de Mark Granovetter (1985), tem-se a proposição de conceitos tais como teia, incrustação, configuração e rede social, enquanto lócus para compreensão das ações dos indivíduos em sociedade. A mais consistente contribuição está em Norbert Elias (1997, 1998, 2001), que desenvolveu – a partir de um olhar interdisciplinar em que associava os *stocks* da Psicologia, da Filosofia, da Biologia e da Sociologia – a abordagem configuracional do indivíduo em redes.

A consolidação de sociedades estabelecidas sobre bases tecnológicas digitais de mediação das relações – ao menos entre os três bilhões conectados na internet – vem tornar mais perceptível as ações dos indivíduos para além da função, do papel e da instituição social que formalmente ocupam. Esta percepção permite que se vejam os indivíduos em redes sociais, virtuais ou não. Seres humanos vivem em redes, racionalmente, intuitivamente ou compulsoriamente, nas quais procuram significar a vida comunitária. E o fazem, estrategicamente, nas tentativas de resistência ao sistema vigente.

2. A formação das redes de resistências na era digital

A configuração das sociedades da informação – complexas, consensuais e contratuais – favorece a proliferação de configurações menores em seu interior. Dos clubes e agremiações de vizinhança às comunidades virtuais na internet, inúmeras formações se desenvolvem em tais sociedades. As sociedades da informação apresentam, ainda, a particularidade de ampliarem as possibilidades de se estar no espaço público e compartilhar potencialmente com milhões de pessoas num único esforço de comunicação.

No entanto, há na formação de tais sociedades uma estrutura de tensões que se equilibra num jogo social de inclusões/exclusões nos códigos e bens materiais relacionados ao acesso e uso dos meios digitais (Castells, 2003; Silveira, 2001). A partir do digital abrem-se novas possibilidades para formação de lutas sociais como os recentes movimentos de protestos – aqueles que se formam da indignação e da revolta frente aos rumos da cultura democrática dominante. Tais movimentos inserem-se em contextos diversos que por vezes se justapõem outras se sobrepõem, configurando-se em redes mais ou menos fortes, mais ou menos visíveis, mais ou menos fluídas.

É o caso dos Rolezinhos, no Brasil, ou Meets, em Portugal; dos Movimentos 15-M e Podemos, em Espanha; dos Black Bloc e outros blocos de proteção ou ataque; da campanha pelo direito à comunicação que se formou frente à Cúpula Mundial da Sociedade da Informação; das manifestações de junho 2013 no Brasil; da Primavera Árabe, em 2010; do Occupy Wall Street, em 2011, nos Estados Unidos, dentre outros. Conforme Estanque (2014: 56) “Os meios informáticos e em especial as novas ‘redes sociais’ constituíram o ingrediente decisivo deste novo ciclo de protestos sociais.”

Tais protestos podem ser entendidos como movimentos emancipatórios (Elias, 1997), de resistência (Santos, 2002, Estanque, 2014) ou culturais (Melucci, 2001), pela forma como se relacionam com o sistema social estabelecido. Na era digital, as lutas sociais e suas manifestações por mudanças formam redes e configuram, nos espaços virtuais, novos formatos de mobilização social e de expressão da indignação e da revolta. Fenômeno social relativamente recente, a formação de redes de entidades civis, ativistas ou cidadãos inconformados reconfigura as lutas por mudanças, desenhando outros direitos, outras democracias, outras institucionalidades.

A formação estratégica de resistências sociais com o propósito de dar visibilidade a lutas e problemas sociais, organiza-se em redes em oposição aos moldes de institucionalização hierárquica. É uma estratégia que tem por objetivo transformar a própria luta que visa à transformação social, cuja expressão máxima está no Fórum Social

Mundial/FSM. No chamado para a edição de 2015 do FSM, expressa-se a proposição de “trabalho em redes para promover ações efetivas” (<https://fsm2015.org/en/node/376>).

Atuar em redes seria, em primeiro lugar, uma resposta àquela coletividade perdida nas sociedades massivas e individualistas, como aponta Bauman (2001). É também uma busca por alcançar expressividade nos espaços públicos poluídos de informações que constituem as sociedades atuais. Nesse sentido, tem-se o FSM como uma rede transnacional que agrega movimentos locais e, dessa forma, causa impactos e pauta as lutas nos media. “Não esqueçamos que o FSM se encarou como uma alternativa ao FEM, de Davos, pronto a disputar com este a atenção dos meios de comunicação globais.” (Santos, 2005, p. 51). A necessidade de coletividade e a necessidade de visibilidade das lutas, sentidas nas sociedades da informação, apontam caminhos para manifestação da resistência: articulada em redes e instrumentalizada por media digitais.

Articular-se em redes demanda disposição e abertura para traduzir-se aos Outros, deixar-se traduzir por eles e traduzi-los a partir deles mesmos. “A tradução é o procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências de mundo, tanto as disponíveis como as possíveis” (Santos, 2010b: 123). Das variadas experiências possíveis no mundo hoje, os processos de globalização e colonização são o que primeiro aproxima lutas e movimentos diferentes, não apenas pela aglutinação mundial em torno de tais processos, mas porque sente-se, cada vez menos latente e mais presente, a necessidade de outra institucionalidade, horizontal, fluída, colaborativa.

Por que formam-se redes estratégicas de resistências hoje? Em resposta a situações de opressão vividas sob a lógica capitalista global, sim. No entanto, há algo mais. Há a percepção, generalizada pelos próprios mecanismos colonialistas do sistema capitalista se alargar e dominar, de que é possível resistir em grande escala, como se é dominado em grande escala. As sociedades da informação permitem a formação de resistências globais/locais, “usando em seu benefício as possibilidades de interação transnacional criadas pelo sistema mundial em transição, incluindo as que decorrem da revolução nas tecnologias de informação e comunicação” (Santos, 2002: 67).

A partir dos usos de tecnologias em que circulam dados e imagens tornam-se evidentes as múltiplas injustiças, opressões, colonizações e colonialidades em que se vive. Constata-se cada vez mais que é preciso resistir e reagir. No entanto, as resistências passam a existir enquanto lutas sociais somente quando adquirem um viés cosmopolita, ou seja, quando são percebidas por grandes contingentes e apropriadas por discursos midiáticos. “A exposição mediática (...) faz com que as imagens e o aparato dramático das multidões em revolta, ou a festa coletiva de um desfecho vitorioso, possam desencadear um efeito mimético de rápida propagação internacional.” (Estanque, 2014: 66). Nesse cenário, formam-se redes de resistências transnacionais, que respondem a questões localizadas experimentadas como questões globais.

2.1. Redes sociais e redes virtuais: aproximações e distanciamentos

“Uma das funções mais importantes que uma rede social pode oferecer a uma sociedade determinada é – como bem diz a página de boas-vindas do Facebook – ligar um grupo de amigos ou pessoas afins.” (Faerman, 2011: 56). No entanto, quais os

desdobramentos do estar conectado a redes sociais através de medias digitais? Nas redes virtuais, associações e aproximações são construídas em torno de ideais e expectativas de mundo, a partir de postagens ligeiras e sintéticas. Vive-se, é bom lembrar, a internet 2.0, em que o *upload* tornou-se usual e esperado. Na lista de amigos no Facebook ou seguidores no Twitter, estão presentes e em relações aqueles que alimentam as redes com colaborações de “estado”, “foto”, “local”, “gostos” e “comentários”. Está-se presente, também, em listas de amigos e seguidores, como elos na rede, em substituição às antigas agendas de telefones – um status de aproximação/distanciamento.

As redes virtuais favorecem um novo lócus de sociabilidade praticada através de conjuntos de competências (Lévy, 2000; Lyotard, 1988). No desenvolver e utilizar desses conjuntos realizam-se aproximações e distanciamentos (Elias, 2001) entre indivíduos e grupos, para além dos códigos e normas do mundo não virtual, seja comunitário ou societário. Nas redes virtuais as/os membros adquirem funções, papéis e personalidades paralelas ou cumulativas com suas funções, papéis e personalidades fora do ambiente virtual. Opiniões e vontades são manifestas incessantemente, alcançando situações agudas em determinados períodos como eleitorais, frente a assassínios e outros crimes ou demonstrações de preconceito.

As redes virtuais servem também – como a etiqueta serviu à sociedade de corte europeia nos séculos XVI e XVII – à prática do “distanciamento como objetivo em si” (Elias, 2001: 117). Para tal, criam-se habitus e rituais vazios, como o *gosto* no Facebook, cuja motivação está em manter a rede viva pela aproximação dos que se querem como amigos e distanciada, no plano macro, dos não incluídos no mundo virtual e, no nível micro, daqueles de alguma forma julgados *inferiores* por diferenciações e prestígios vindos de cargos, posições ou opiniões.

Indivíduos e grupos se ressignificam diante da expectativa de formarem ou pertencerem a uma rede virtual. E recolocam as emoções e os controles já experimentados em outros ambientes de modo a se reviverem os jogos de aproximação e distanciamento intrínsecos à estruturação das interdependências humanas. Para Estanque (2014: 74), “o mundo interconectado em que vivemos estabelece ligações improváveis que transcendem a geografia, (...) cujo efeito prático pode ser a alteração das estruturas simbólicas de significado e as lógicas de ação de grupos particulares.”. Nesses cenários virtuais, inauguram-se também lutas sociais que expressam conflitos e tensões – às vezes surgidos no ambiente virtual, outras vezes transportados para lá. Afinal, os espaços virtuais espelham as sociedades em que se produzem e das quais fazem parte.

Pequenos e cotidianos movimentos dos indivíduos nas redes implicam mudanças (Elias, 1970) tais que, ao se avolumarem, reconfiguram laços e elos nas redes, provocando novas aproximações e distanciamentos, novos ajustes nas estruturas de poder. Esta é a dinâmica de uma rede social, com variações na força e no impacto das ações de seus integrantes. No entanto, quando a rede se faz sobre bases digitais, práticas, tempos, prontidões, interações são renegociados e reapropriados. No específico sobre redes de resistência, os instrumentos de sensibilização, mobilização e legitimação das lutas alteram-se por completo. Reuniões convocadas por email, protestos organizados através do Twitter, manifestações marcadas no Facebook são sinais de que as redes virtuais vêm ressignificando as formas de organização das resistências atuais, ao acionar competências

comunicativas e saberes tecnológicos. Coloca-se, assim, a questão fundamental da comunicação e dos media digitais na formação das redes de resistência.

2.2. O lugar da comunicação nas redes de resistência

A comunicação está imbricada nas relações sociais (Spenillo 2008) e associada em seus formatos e conteúdos às especificidades culturais daqueles que se comunicam (Canclini, 1995; Sodré, 2002). Ao longo da história – e com um apogeu localizado na modernidade ocidental entre os séculos XVI e XVIII – as práticas comunicativas, ou atos comunicativos (Habermas, 2003) foram adquirindo centralidade naquele modo de vida burguês do qual derivam as sociedades da informa o.

Um lugar de destaque   dado, de início,   comunica o e, em seguida, a seus aparatos tecnológicos, sendo a habilidade comunicativa rapidamente superada pela competência nos usos dos media. Esse processo histórico leva a uma configura o na qual vão se criando novos habitus, novas práticas, novos formatos de rela es e novas interdependências, assentados sobre bases informacionais e tecnológicas. E criam-se, também, novas inclusões/exclusões e novas estruturas de tensões que respondem   centralidade da comunica o e da informa o e suas tecnologias na vida coletiva.

A partir de uma estrutura social em que comunica o e informa o adquirem um lugar central e excludor, formam-se lutas por mudanças nas próprias bases informacionais e comunicacionais. Nessa configura o são pautadas resistências e inconformismos frente às estruturas capitalistas que atribuem   comunica o e   informa o formatos de mercadoria e impõem restri es financeiras para acesso. Tais resistências assumem figura es diversas, como, por exemplo, a proposi o de democratiza o da comunica o, que no Brasil ganhou expressividade quando da Constituinte em 1987; ou a exigência do direito   comunica o, apresentado no âmbito da ONU durante a C pula Mundial sobre a Sociedade da Informa o, entre 2003 e 2007 (Spenillo, 2008).

A comunica o   também entendida como meio para as lutas sociais de resistência. Nesse sentido, lutas sociais colocam-se em redes virtuais como resposta a uma imposi o da época em que se vive. Nas lutas de resist ncias, as redes virtuais funcionam como espaços a ocupar, como vitrines e como l cus da expressão de conflitos e manifesta es de id ias, insatisfa es, opini es. Numa estrutura social complexa que tem a a o comunicativa como central e centralizadora de habitus e identidades e concentradora de poderes,   de se esperar que lutas sociais busquem espaços potencialmente comunicativos – as redes virtuais – como lugares de manifesta o das resistências. Tanto a resistência ao hegemônico como a resistência ao contra-hegemônico estão nas redes, espelhando as tensões sociais¹, e provocando a es estratégicas.

¹ Caso emblemático   o pr  impeachment da presidente do Brasil Dilma Rousseff, (2014/2015), em que contrários e favoráveis usaram as redes virtuais como arena antes e depois de irem às ruas.

3. Estratégias de formação e atuação de redes de resistências: as experiências CRIS Brasil, Black Bloc Brasil e Mídia Ninja

CRIS Brasil, Black Bloc Brasil e Mídia Ninja podem ser entendidas enquanto lutas contidas na configuração das sociedades da informação, enraizadas em suas dinâmicas e habitus, e partes atuantes das teias que se constroem nos processos micro e macro em tais sociedades. Cada uma é, pois, um elo que reúne os indivíduos nas sociedades hiperconectadas e cibernéticas. Contribuem tanto na manutenção da rede como em suas reconfigurações. Reivindicam mudanças e ao mesmo tempo incorporam-se nos códigos e jogos hegemônicos – como nos usos dos media digitais.

A CRIS Brasil surge no rastro da Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação reivindicando o direito humano à comunicação. Da campanha internacional *Communication Rights in the Information Society*/CRIS, focada numa resistência ao poder dos governantes no âmbito da ONU e à noção predominante de comunicação como mercadoria, chega-se a articulações locais no Brasil, na Bolívia, no Canadá, na Austrália e outros países, adquirindo faces diversas. No Brasil, a chamada pelo direito humano à comunicação (nunca se assumiu a vertente em inglês de *communication rights*) serviu para formular uma pauta coletiva entre entidades distintas e unificar a luta por mudanças nas estruturas de comunicação. Passada a Cúpula, a articulação CRIS Brasil se desfez em outras articulações menos genéricas ou mais localizadas, como a Frente Nacional por um Sistema Democrático de Rádio e TV Digital e o Fórum Pernambucano de Comunicação.

Já a Mídia Ninja, ou *Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação*, ganhou projeção no cenário brasileiro junto com os eventos de junho de 2013 e vem se mantendo na proposição “colaborativa de criação e compartilhamento de conteúdos, característica da sociedade em rede, para realizar reportagens, documentários e investigações no Brasil e no mundo.” (<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about>).

Essa rede formou-se numa experiência de laboratórios multimídia de cobertura em tempo real promovidos por outra rede, o Fora do Eixo, criada em 2006 (<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/history>), que culminou na cobertura da Marcha da Liberdade em São Paulo ocorrida em 2011. O Fora do Eixo, originário do programa Pontos de Cultura, desenvolvido pelo Ministério da Cultura do Brasil, afirma-se uma rede “colaborativa e descentralizada de trabalho constituída por coletivos de cultura pautados nos princípios da economia solidária, do associativismo e do cooperativismo, da divulgação, da formação e intercâmbio entre redes sociais” (<http://foradoeixo.org.br/historico/carta-de-principios/>).

Por sua vez, o Black Bloc Brasil está entre as lutas que reivindicam transformações sociais radicais e figuram na era digital a partir do uso de tecnologias digitais de informação enquanto instrumentos de atuação política. O Black Bloc ganha notoriedade no Brasil durante os eventos de 2013 que marcaram o cenário internacional com as manifestações chamadas apartidárias em protestos contra os gastos com a Copa do Mundo. Presente nos ambientes urbanos desde a década de 1980, os Black Blocs e outros blocos humanos manifestam revoltas percebidas coletivamente diante de situações-limite impostas por governos ou empresas. A tática *black-bloc*, em particular, origina-se das lutas por liberdade empreendidas historicamente pelos anarquistas em todo o mundo.

Aparecem nas cenas de confrontação urbana para proteger manifestantes ou para atacar alvos – nunca pessoas – como ícones do mercado capitalista. “O primeiro objetivo de um Black Bloc é sinalizar com sua presença uma crítica radical ao sistema econômico e político” (Dupuis-Déri, 2010: 46).

Nas três formações podem-se perceber estratégias, ações, pautas e móveis que configuram a atuação em redes de resistência – como mostra o Quadro 1, a seguir. Dentre elas, destacam-se 1) as que fazem dialogar local e global; 2) as que traduzem as bandeiras de luta na busca por ampliar o leque de atuação – ou o tamanho/impacto da rede; e 3) as que inserem as lutas na era digital, dando usos aos media e aos espaços virtuais para construção e manutenção das redes de resistência.

Quadro 1: Estratégias, ações, pautas, móveis e media nas redes de resistência CRIS Brasil, Black Bloc Brasil e Mídia Ninja

Rede	Estratégias	Ações	Pautas	Móveis	Media
CRIS Brasil	Reuniões Estudos Debates	Pesquisa Documentos Fóruns	Direito Humano à Comunicação	Mudanças Resistências Futuro	Portal Email Jornais
Black Bloc Brasil	Métodos de choque Máscara	Proteção Ataques	Liberdade	Rompimentos Revoltas Aqui e Agora	Facebook Blog
Mídia Ninja	Coberturas colaborativas Tempo Real	Coberturas jornalísticas	Liberdade de expressão	Defesa da democracia Midiativismo Presente	Facebook Twitter Portal Tumblr

3.1. Local/Global/Local

Articulações local/global fazem-se nos fluxos contínuos de interdependências e conexões promovidas pela lógica hegemônica capitalista que liga tudo e todos em função da mercadoria e do consumo. No entanto, as dinâmicas sociais vão além e ressignificam localmente o global, produzindo localismos ou glocalismos (Santos, 2002). Dessa forma, nas lutas de resistência tem-se que pautas, estratégias e móveis partem de lugares específicos, atingem proporções globais e ressurgem localmente. As três redes em estudo podem ser interpretadas nessa perspectiva, uma vez que trabalham para desconstruir estereótipos e auto-imagens criados pelo sistema dominador e enraizados localmente e, assim, reconstruir radicalmente as bases sociais locais. Para tal, buscam respaldo em atores, acordos e fenômenos políticos globais ou transnacionais.

A CRIS Brasil foi a resposta local a um chamado internacional de ativistas e organizações não-governamentais do campo da comunicação. Um movimento global contra-hegemônico que se fez diante do movimento global hegemônico da Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação. No entanto, não só a campanha pela direito à comunicação é significada internamente e recolocada em outros termos, por outros atores e promovendo outros fenômenos – por exemplo, a questão do rádio e da televisão digital, uma urgência à época – como só é possível a adesão e agregação do país ao

chamado internacional porque havia localmente atores, experiências e prontidões para a formulação da comunicação como um problema social (Spenillo, 2008).

A Mídia Ninja é parte dessa teia cultural brasileira que faz aparecer a comunicação, os media e a mercadorização da informação como problema na virada do século XX para o XXI. São jornalistas inconformados com as empresas jornalísticas e sua ditadura na produção de notícia que provocam mudanças nos formatos de produzir notícia. Por mais de uma década esse inconformismo vai se alimentando e gerando alternativas que se concretizam em coberturas jornalísticas livres, formação de redes e articulações entre jornalistas e não-jornalistas, artistas e intelectuais.

Associados à Mídia Ninja estão o Fora do Eixo e os Jornalistas Livres, que afirmam: “Somos #JORNALISTASLIVRES em defesa da democracia: Cobertura colaborativa de narrativas independentes e plurais, contra a parcialidade da mídia tradicional” (https://www.facebook.com/jornalistaslivres/info?tab=page_info). Precedem a formação da rede Mídia Ninja, o Coletivo Mídia Livre, as coberturas independentes dos Fóruns Sociais Mundiais e, antes ainda, a TV Viva, praticada pelo Centro de Cultura Luiz Freire, desde a década de 1980. Formações que desenham uma institucionalidade horizontal e fluída, como fazem os blocos humanos que se erguem nas manifestações urbanas.

“Não existe o Black Bloc; existem Black Blocs, cada um deles erguendo-se por ocasião de uma manifestação e dissolvendo-se quando esta termina.” (Dupuis-Déry, 2010: 46). A tática é em si global e local, dada sua elasticidade e fluidez. Com uma identificação simples – roupas e máscaras pretas – e estratégias fáceis de chamamento através das redes virtuais acionadas por aparelhos portáteis, formar um bloco de ação direta num episódio de enfrentamento público ganha significações nos âmbitos locais e globais. É algo que os media tradicionais veiculam e, portanto, adquire a faceta cosmopolita necessária à visibilidade nas sociedades da informação. Algumas experiências colocaram a tática em dúvida e, conforme Dupuis-Déry (2010: 47), chegou-se a declarar, em 2003, a morte do Black Bloc como método de ação.



Foto 1: Capa do blog do Black Bloc Brasil
Fonte: <http://blackblockbrasil.blogspot.com.br/>
Crédito: Black Bloc Brasil

Em 2013, a tática provou-se viva e pronta para novos enfrentamentos, ao surgir nos protestos contra a Copa do Mundo no Brasil, conforme percebe-se na foto 1. A

adesão brasileira à tática *black-bloc* localiza o formato da ação direta e seu móbil. Num país que viveu a geração *caras-pintadas*, na década de 1990, e que usa vestimentas e fantasias para expressar publicamente opções não só políticas, a máscara e a roupa preta foram rapidamente apropriadas e significadas. No Brasil, a máscara – que, na proposta global, pretende tirar a identidade do ativista para dar identidade à luta – adquiriu conotação de crime e vandalismo. A mensagem de liberdade ficou soterrada pela mensagem (não) oculta da espiral de violência social em que se vive no Brasil hoje.

3.2. Estratégias de tradução da bandeira de luta e de construção de transculturalidades

As três redes apresentam pautas subjetivas – direito à comunicação; liberdade; comunicar o que os media tradicionais silenciam – e, assim, demonstram as turbulências que se vive nas democracias atuais, em que é preciso lutar para validar demandas sociais. Com móveis diferentes, ações e estratégias também se diferenciam, sendo a organização em redes o que identifica suas formas de atuação. Na formação dessas redes, sujeitos inconformados colocam-se política e publicamente em lutas por mudanças nas estruturas de tensões e de poder. Para tal, exercem o “trabalho da tradução” ou a construção de uma “inteligibilidade recíproca” (Santos, 2010b: 123), que os possibilite avançar em conjunto nas expectativas de transformação social. Quais estratégias são utilizadas nesse trabalho de tradução das práticas?

A CRIS Brasil buscou mudanças junto a entes governamentais – nomeadamente deputados estaduais e federais – reconhecendo as empresas privadas como opressores e dominadores na questão da comunicação. Usou como método a conciliação, a aproximação, a coalizão e a aglutinação para traduzir a pauta da comunicação junto a entidades e ativistas, articulando uma rede de atuação em prol da bandeira do direito humano à comunicação (Spenillo, 2008).

O Black Bloc Brasil age localmente – especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo – como agem os Black Blocs nos Estados Unidos: na lógica do ataque. De todo modo, tais formações de luta articulam com o “movimento anti-autoritário” global, e se traduzem na proposta de agir politicamente “num caminho diferente” (Dupuis-Déry, 2010: 49) e é isto o que globaliza/localiza a tática de ação direta. A máscara, o choque e o enfrentamento da tática *black-bloc* foram aplicados nos cenários cosmopolitas brasileiros durante manifestações expressivas, com o povo nas ruas, mas também durante o período de campanha eleitoral, em 2014, para destruir cavaletes com propagandas políticas – algo proibido e amplamente utilizado por candidatos – conforme foto 2, postada no blog da rede no Brasil.

Presenças rápidas, fugazes e impactantes e a ostensiva ocupação dos espaços públicos compõem as formas de ação desses blocos, tanto nos cenários urbanos como nos cenários virtuais, em que portais e páginas de Facebook são alimentadas por pequenas postagens, frases curtas e imagens fortes. Os grupos no Facebook são fechados e chegam a milhares de membros. No Brasil, a ação *black-bloc* ganhou um tom mais alto de violência. Nesse sentido, recentemente utilizou a tática do nudismo de protesto em São Paulo para reagir ao “conservadorismo anti adâmico em terras guaranis” (<http://blackblockbrasil.blogspot.com.br/>).

Protestar nas urnas??



Só se for assim



Foto 2: Postagem-manifesto no blog do Black Bloc Brasil – “contra a farsa eleitoral”

Fonte: <http://blackblockbrasil.blogspot.com.br/>

Crédito: Ed PAI

Conforme blog da Mídia Ninja, “Nossa pauta está onde a luta social e a articulação das transformações culturais, políticas, econômicas e ambientais se expressa.” (<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about>). Para o coletivo, o jornalismo direto, sem intermediários, é demandado hoje, como resultado da presença da internet e dos recursos portáteis de captação de imagens e sons na vida cotidiana. “Neste novo tempo, de redes conectadas às ruas, emergem os cidadãos multimídia, com capacidade de construir sua opinião e compartilhá-la no ambiente virtual. Articulados, esses novos narradores fazem a Mídia NINJA.” (<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about>). O método é a ação independente, não orquestrada, porém concertada. Jornalistas que não aceitam os padrões dos media tradicionais contribuem com coberturas de eventos sociais e postam nas redes virtuais em tempo real, pautando nos espaços virtuais temas e sujeitos que não estão nos media tradicionais – a periferia, a indignação, as demandas por renovação política, a violência policial – conforme vê-se nas fotos 3 a 5.

Fotos 3 a 5: Cobertura Mídia Ninja: o que está nas ruas e não está nos media tradicionais

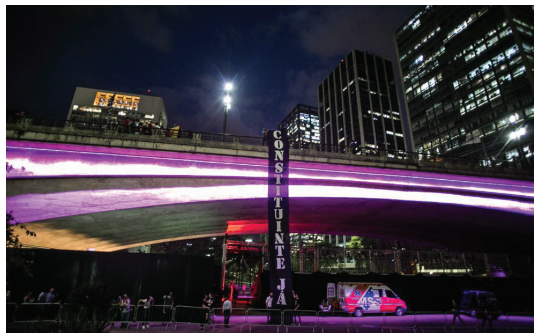


Foto 3: Protesto pela Constituinte/Brasil 2014

Crédito: Ninja



Foto 4: O verdadeiro povo brasileiro nas ruas
Crédito: Ninja

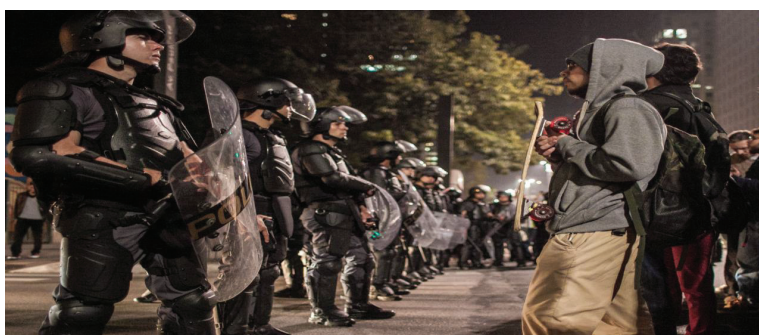


Foto 5 - Violência policial ostensiva nas manifestações de rua/Brasil 2014
Crédito: Ninja

Fonte: http://41.media.tumblr.com/9c9bfe2f0bac2140d88711f0580cddb7/tumblr_neunmp6H5O1swxozwo1_1280.jpg

Menos pela agilidade da cobertura, pelas habilidades comunicativas ou pela desenvoltura no uso dos media digitais e dos espaços virtuais, tais esforços de resistência aos media tradicionais podem ser vistos como resgates dos sujeitos sociais silenciados pelas práticas coloniais no Brasil. A postagem e circulação de fotos do povo, sem maquiagem, sem estética televisiva, sem ensaios; fotos de manifestações políticas fora dos eixos centrais; fotos de manifestações festivas, de lazer e liberdade, com o povo nas ruas fazem o midiativismo contra a hegemonia dos media tradicionais que vêm assegurando a continuidade da colonização e da colonialidade culturais no país.

3.3. Usos de media digitais e presença nos espaços virtuais

A comunicação adquire, nas três redes de resistência em estudo, um papel fundamental na organização das lutas. Aproveitam-se as possibilidades abertas pelas tecnologias para fazer interagir movimentos e entidades diversas, compartilham-se experiências e saberes.

A CRIS Brasil, enquanto funcionou como rede de mobilização e resistência, utilizou email e um portal já extintos; produziu artigos em jornais; publicou livros e promoveu encontros presenciais (Spenillo, 2008). Para a Mídia Ninja, fazer comunicação e usar os espaços virtuais e as tecnologias digitais é a própria pauta de luta.

Nesse sentido, a rede mantém blog (Tumblr), Facebook, Twitter e Portal, no qual afirma-se: “O Jornalismo é uma das ferramentas e linguagens que utilizamos para levantar temas e debates, fortalecendo narrativas que não tem visibilidade nos meios convencionais de comunicação. Mas para além de jornalismo fazemos midiativismo.” (<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/faq>). O Black Bloc Brasil, que tem pauta e móbil específicos, recorre aos meios digitais não só para mobilizar e organizar protestos, mas também para se mostrar e discursar para a sociedade. Possui blog e várias páginas no Facebook, como o Black Bloc Brasil, o Black Bloc Rio de Janeiro e o Black Bloc São Paulo, dentre outros.

As postagens nos blogs, páginas de Facebook e Twitter são constantes e atualizadas, tanto da rede Black Bloc no Brasil como da rede Mídia Ninja. A CRIS Brasil desmembrou-se em várias outras redes – não tratadas aqui – que seguem a mesma lógica de postagem de notícias em redes virtuais como Facebook e Twitter. Sem colocar em discussão os conteúdos, destacam-se os usos dos media digitais e das redes virtuais. Nelas, as redes de resistência produzem sua própria visibilidade e de suas lutas. Todo acesso é premiado com um *pop-up* que convida o visitante a seguir a rede ou o autor do texto em tela, na plataforma em uso ou remetendo para outro espaço virtual.

Note-se que lutas como a CRIS Brasil e a Mídia Ninja não se opõem à centralidade e ao status da comunicação, ou seja, não propõem rupturas ou revoluções, mas reconfigurações nas distribuições de poder sobre os usos coletivos dos aparatos tecnológicos de produção e circulação de informação. Não são as tecnologias digitais, os espaços virtuais ou a centralidade da comunicação nas estruturas sociais que se questionam, mas as desigualdades nos seus usos e nas formas de apropriações desses bens. Ou seja, há uma revolta por dentro do sistema, que busca redistribuições e renovações na própria lógica capitalista – e que para isto utiliza os recursos hegemônicos de comunicação e informação nos espaços virtuais.

Considerações Finais

As três manifestações de resistências aqui tratadas desacomodam habitus culturais e políticos ao apresentarem outros saberes e subjetividades (Santos, 2010a) na proposição da luta social. Formulam sua própria existência e escolhem seus instrumentos de ação e comunicação, empreendendo um trabalho de tradução de práticas e saberes e apontando para novas institucionalidades. Respondem, por um lado, ao tempo longo e processual em que movimentos e direções são concertados. Por outro lado, colocam-se no tempo sintético (Santos, 2010b) e fluído (Bauman, 2001) dos espaços virtuais.

Em tais redes, resiste-se ao esmagamento do sujeito diante das forças dos Estados e dos mercados, dominantes também nas plataformas digitais. Mas há potencial emancipatório nessas redes de resistências? Os usos dos espaços virtuais podem ser sinais de mudanças no patamar das democracias participativas, no sentido em que lá a

comunicação se processa numa relação aberta e horizontal. No entanto, estas ferramentas podem também ser apenas recolocações dos habitus enraizados da diferenciação, da distinção, da desigualdade, da colonialidade, levando para o mundo digital o jogo social de aproximações e distanciamentos. É preciso, nesse sentido, perceber quem está nas redes virtuais e a quem representam; quais grupos e causas sociais chegam aos espaços virtuais, quais lutas são legitimadas e quem adere a cada causa.

As redes estratégicas que se formaram recentemente para expressar resistências e indignações – dentre elas a CRIS, o Black Bloc e a Mídia Ninja – retratam segmentos sociais que podem ser definidos pelo acesso às tecnologias digitais. Nesse sentido, as dinâmicas de aproximação/distanciamento nas redes virtuais refletem as dinâmicas das redes sociais não virtuais, com a variante de cada um poder distanciar-se de si mesmo, criando *personas* protegidas pelo anonimato no mundo virtual.

As redes estratégicas de resistência podem ser percebidas como um contraponto à individualização da responsabilidade. A configuração de tais redes agenda o debate no âmbito do reconhecimento e legitimação de questões sociais subjetivas, como o alargamento dos regimes políticos democráticos, das igualdades e liberdades, o resgate dos laços afetivos e o compartilhamento das responsabilidades individuais construídas pela modernidade ocidental. Da mesma forma, a utilização dos espaços virtuais favorece a uma percepção ampliada do Outro – o que pode apontar caminhos emancipatórios, como o trabalho da tradução transcultural e a relativização do global e do local. No entanto, competências para utilizar recursos tecnológicos não significam disposições para usá-los de modo livre, emancipado e compartilhado.

Há, ainda, três pontos em aberto para se compreender a formação das resistências na era digital: 1) comunicar – tornar comum – é também se envolver nas diferenças, aproximar-se e respeitá-las; 2) o domínio tecnológico é uma ação hegemônica dos mercados capitalistas para a adesão de cada vez mais pessoas nas redes cibernéticas – não é à toa que se tem 3 bilhões de conectados à internet no mundo; 3) nos espaços virtuais, muitas vezes especificidades culturais são transformadas em estereótipos, incorrendo-se no perigo de desenhar nova linha abissal (Santos, 1990, 2010) entre competências, valores e saberes divergentes e nova perda do sentido de comunidade.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt - *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 258 p. ISBN 978-85-7110-598-0.
- BLACK Bloc Brasil [Em linha]. [Consult. 19 Março 2015]. Disponível em WWW: <URL: <http://blackblockbrasil.blogspot.com.br/>>.
- CANCLINI, Nestor - *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995. 266 p. ISBN 9788571081598.
- CAPRA, Fritjof - *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1986. 256 p. ISBN 9788531605567.
- CASTELLS, Manuel – “A sociedade em rede”. In *Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. 698 p. ISBN 9788521903291. Vol. 1.

- COMITÊ Gestor da Internet no Brasil - “TIC Domicílios e Empresas 2013” [Em linha]. [Consult. 20 Fev. 2015]. Disponível em WWW: <URL: http://cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_EMP_2013_livro_eletronico.pdf>.
- DUPUIS-DÉRY, Frances - “The Black Bloc Ten Years after Seattle”. *Journal for the Study of Radicalism*. ISSN 1930-1189. Vol. 4, N. 2 (2010) p. 45-82.
- ELIAS, Norbert - *A sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 312 p. ISBN 978-85-7110-615-4.
- ELIAS, Norbert - *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 165 p. ISBN 978-857110473-0.
- ELIAS, Norbert - *Os alemães*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 431 p. ISBN 978-857110410-5.
- ELIAS, Norbert - *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Editorial 70, 1970. 202 p. ISBN 978-972-44-1486-7.
- ESTANQUE, Elísio - “Rebeliões de classe média? Precariedade e movimentos sociais em Portugal e no Brasil (2011-2013)”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. [Em linha] N. 103 (2014). [Consult. 21 de Setembro de 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://rccs.revues.org/5540>>. ISSN eletrônico 2182-7435.
- FAERMAN, Juan – *Facebook: Facebook, o novo fenômeno de massas*. Matosinhos: Quidnovi, 2011. 111 p. ISBN 978-989-628-211-0.
- FORA do Eixo [Em linha]. [Consult. 20 Março 2015]. Disponível em WWW: <URL: <http://foradoeixo.org.br>>.
- FÓRUM Social Mundial 2015 [Em linha]. [Consult. 12 Março 2015]. Disponível em WWW: <URL: <https://fsm2015.org/en/node/376>>.
- GRANOVETTER, Mark - “Economic action and social structure: the problem of embeddedness”. *American Journal of Sociology*. ISSN 00029602. 91(3) (1985) p. 481-510.
- HABERMAS, Jürgen - *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. 398 p. ISBN 85-282-0091-4.
- JORNALISTAS Livres [Em linha]. [Consult 18 Março 2015]. Disponível em WWW: <URL: www.facebook.com/jornalistaslivres/>.
- LEVY, Pierre - *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2000. 264 p. ISBN 8573261269.
- LYOTARD, Jean-François - *A condição pós-moderna*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. 123 p. ISBN 85-03-00080-6.
- MATTELART, Armand - *Networking the World, 1794-2000*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000. 139 p. ISBN 0-8166-3287-1.
- MELUCCI, Alberto - *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001. 199 p. ISBN 978-85-3262566-3.
- MELUCCI, Alberto - *Por uma Sociologia reflexiva*. Tradução de Maria do Carmo Bonfim. Petrópolis: Vozes, 2005. 374 p. ISBN 8532631711
- MÍDIA Ninja [Em linha]. [Consult. 19 Março 2015]. Disponível em WWW: <URL: <https://ninja.oximity.com>>.
- MOON, Peter - “O pai do ciberespaço”. *Isto É*. Nº 1541 (14 Abril 1999) p. 44-45.
- PERUZZO, Cíclia - “Sociedade da Informação no Brasil: desafio de tornar a internet de todos para todos”. In PERUZZO, Cíclia; BRITTES, Juçara (org.) - *Sociedade da Informação e novas mídias: participação ou exclusão?*. São Paulo, 2002. ISBN 85-88537-05-2. (Coleção Intercom de Comunicação; 14). p. 45-53.

- QUIJANO, Aníbal - “Colonialidade do poder e classificação social”. In SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula (org.) - *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2010. ISBN 978-972-40-4384-5. p. 72-116.
- SANTOS, Boaventura de Sousa - “O Estado e o Direito na Transição Pós-Moderna: para um novo senso comum sobre o poder e o direito”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra: CES. ISSN 0254-1106. N. 30 (Junho 1990) p. 13-43.
- SANTOS, Boaventura de Sousa - *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. 7ª ed. Porto, Afrontamento, 1999. 299 p. ISBN 972-36-0330-6.
- SANTOS, Boaventura de Sousa - *A globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002. 572 p. ISBN 978-85-24908-35-4.
- SANTOS, Boaventura de Sousa - *O Fórum Social Mundial: manual de uso*. São Paulo: Cortez, 2005. 222 p. ISBN 978-85-24911-06-4.
- SANTOS, Boaventura de Sousa - “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. In SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (org.) - *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2010a. ISBN 978-972-40-4384-5. p. 23-71.
- SANTOS, Boaventura de Sousa - *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010b. 511 p. ISBN 978-85-249-1241-9.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu da - *Exclusão digital*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001. 46 p. ISBN 978-85-86469-48-3.
- SODRÉ, Muniz - *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002. 268 p. ISBN 978-85-3262-6844-X.
- SPENILLO, Giuseppa - *Direito à Comunicação: uma formulação contemporânea de exigências de mudanças nas estruturas coletivas de comunicação e informação. Contribuições para uma análise sociogenesiológica e configuracional da articulação CRIS Brasil*. [Em linha]. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em WWW: <URL: http://r1.ufrj.br/cpda/wp-content/uploads/2011/09/tese_-giuseppa_spenillo.pdf>. Tese de Doutorado.
- STRAUBHAAR, Joseph [et al.] - *Inequity in the Technopolis: race, class, gender, and the digital divide in Austin*. Texas: University of Texas Press, 2012. 296 p. ISBN 978-0-292-75438-6.
- UNIÃO Internacional para as Telecomunicações - “ITU releases 2014 ICT figures” [Em linha]. [Consult. 20 Fev. 2015]. Disponível em WWW: <URL: www.itu.int/en/ITU-D/statistics>.